

a realização da importante relação entre particular e universal, sem alternativas mútuas, mas como relação própria. Esse é, também, o desafio do conceito filosófico. O que permite pensar o conceito como lugar da articulação entre o particular e o universal.

Para isso, contudo, deve compreender-se a elaboração filosófica – e a produção artística – como articulação de um apelo da realidade ao sujeito e não como movimento de apropriação do real, por parte de um sujeito. Supera-se, assim, o modelo moderno de Galileu, em direcção a um modelo pós-moderno que assume a inserção do sujeito num real mais vasto, que conhece, na medida em que reconhece o apelo que esse real lhe dirige. Do conhecimento do objecto passa-se, assim, para o reconhecimento da obra. E esse é o modelo do novo modo de conceptualidade, também em filosofia.

Falta apoiar esta perspectiva em trabalhos contemporâneos de reflexão sobre a arte e de reflexão filosófica. Por isso, a autora desenvolve uma terceira parte de reflexão sobre determinadas reflexões filosóficas e artísticas: Danto, Warhol, Louis Marin, Levinas e Turrel. Torna-se, assim, evidente uma relação complexa, estreita, tensional e interminável – por vezes também indeterminável – entre arte e filosofia. Porque são muitas as «vagas figuras» – ou são muitos os «lugares», os «tópicos» – dessa relação. Um estudo desafiante, sem dúvida.

JOÃO DUQUE

ELDERS, Leo J., **Au coeur de la philosophie de saint Thomas d'Aquin**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 360 p., 235 x 150, ISBN 978-2-84573-792-1.

Este volume colige, em tradução francesa, um conjunto de conferências e de escritos do autor em livros de homenagem, no decurso de trinta anos. A maior parte foi publicada, em primeira mão, em castelhano; alguns em inglês e um em holandês. O autor, Leo J. Elders, ensinou no Japão, Estados Unidos e Roma. Actualmente é professor no seminário de Rolduc (Holanda) e na Universidade Gustav Siewert (Alemanha). É membro da Academia Pontifícia de São Tomás de Aquino.

São, ao todo, 17 estudos. Não constituindo uma exposição sistemática da doutrina do Doutor comum, abrangem uma série de pontos fundamentais da mesma. Com a mais-valia de serem tratados directamente a partir das fontes tomasianas. O primeiro estudo incide sobre São Tomás de Aquino e o platonismo. O segundo, sobre a natureza da metafísica segundo Santo Alberto Magno e S. Tomás de Aquino. O terceiro versa sobre a analogia e seus modos de predicação. Segue-se um estudo sobre a metafísica e a teologia da beleza. Vem depois um extenso trabalho (pp. 97-150) sobre os primeiros princípios, sempre, por suposto, no pensamento filosófico de S. Tomás. O sexto estudo assume a doutrina do acto de ser. O sétimo, a relação das potências ou faculdades com a alma. O oitavo versa sobre a unidade do homem. Segue-se um trabalho sobre a ética de S. Tomás. Ainda dentro da temática ética, seguem-se os seguintes estudos: sobre a moralidade dos nossos actos (X); sobre as teorias modernas acerca da liberdade, confrontadas com a doutrina de S. Tomás (XI); sobre a relação entre verdade e liberdade na vida moral ((XII); sobre a doutrina do bem comum (XIII); e sobre o trabalho (XIV). O décimo quinto estudo trata do sentido da história. O seguinte, do humanismo cristão de S. Tomás de Aquino. O último, com particular aplicação a problemática do nosso tempo,

incide sobre pensamento de S. Tomás e a mundialização. Completam o volume um índice de nomes e outro de assuntos.

Numa altura em que, de vários lados, se assiste a um retorno da filosofia ao Doutor Angélico, saúda-se muito positivamente este volumoso livro que lhe é dedicado.

JORGE COUTINHO

CAPELLE-DUMONT, Philippe (dir.), **Philosophie et Théologie dans la Période Antique. Anthologie – Tome I** (dirigé par Jérôme ALEXANDRE), coll. «Philosophie et Théologie», Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2009, 400 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08176-4.

Primeiro de quatro volumes previstos (em que colaboram 90 especialistas) e de dois já editados – veja-se, a seguir, sobre o vol. II –, inclui, nas primeiras páginas uma introdução geral de Philippe Capelle-Dumont (pp. I-XIII) e uma introdução ao volume I por J. Alexandre (7-27). O primeiro explica a evolução histórica, o valor científico e a especificidade do género literário «antologia», que justificam uma publicação como a presente. No essencial, isso decorre de, na antologia, se tratar de um «florilégio» e um «tesouro», nomes metafóricos que em épocas passadas a designaram: «um para acentuar a dimensão de variedade, o outro para lhe exprimir o raro e o inestimável» (p. III). De todo o modo, uma antologia histórica representa uma tradição viva, concentrada nos textos nucleares em que anda «narrada» uma determinada problemática. No caso a da relação entre filosofia e teologia.

A longa história desta relação é dividida por Ph. Capelle-Dumont em oito principais

determinações, por ele assim designadas: 1 – A recapitulação cristo-teológica (É Cristo quem realiza o acabamento da história. Paulo, Ireneu...); 2 – A assimilação teológica; 3 – As lógicas disjuntivas (de separação não colaborante entre filosofia e teologia); 4 – O acabamento (*accomplissement*) filosófico (a filosofia como última palavra); 5 – A inclusão recíproca; 6 – A integração teológica (algo de divino anda latente na própria razão filosófica); 7 – A neutralidade ontológica (Heidegger); 8 – O impossível (a filosofia sem capacidade para dizer algo sobre Deus, sem que todavia deixe de remeter para «o excesso do mundo»).

Por sua vez, na sua própria introdução, J. Alexandre oferece um estudo com a sua maneira de ver a variedade e a evolução da relação entre filosofia e teologia na antiguidade, período contemplado neste primeiro volume.

Os textos deste são extraídos de Platão, Aristóteles, estoicismo, epicurismo, Cícero, Séneca, Filão de Alexandria, gnosticismo, Epicteto, Marco Aurélio, Justino, Ireneu de Lyon, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Plotino, Lactâncio, Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa, Evagrio, Ambrósio, Agostinho, Cirilo de Alexandria, Proclo, Dionísio Areopagita, Boécio, Máximo Confessor e João Damasceno. O esquema de apresentação de cada autor é uniforme: uma breve introdução sobre a sua vida e obra, o contexto histórico e a orientação fundamental na problemática em causa; seguem-se os textos antológicos e uma pequena bibliografia activa e passiva.

A par com os demais volumes, trata-se de uma recolha que não conhece nenhuma semelhante no universo editorial filosófico. Ela constitui, sem dúvida, um precioso instrumento para os investigadores, os professores e os estudantes.

JORGE COUTINHO